

## intensidades abolicionistas e a cruel exposição da peste

salete oliveira\*

### **A peste em estilhaços**

A peste. Há pestes. A peste empesteia a peste. Empesteia o ar. O homem teme a peste. O homem combate a peste. A peste empesteia o homem. A peste empesteia a atmosfera.

Há peste e pressão na atmosfera. Pressão atmosférica. Na pressão atmosférica há gravidade e peste. Na órbita da atmosfera o homem combate a peste com gravidade. O homem grave, a peste aguda.

Há a peste. Há o corpo.

O corpo em peste por Antonin Artaud:

“Antes de caracterizar qualquer mal-estar físico ou psicológico, manchas vermelhas espalham-se pelo corpo, manchas que o doente só percebe, de repente, quando tornam-se pretas. Ele nem tem tempo de se assustar,

\* Doutora e pesquisadora no Nu-Sol, professora na Faculdade Santa Marcelina e professora-pesquisadora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP pelo PRODOC-CAPES.

sua cabeça começa a ferver, a tornar-se gigantesca pelo peso, e ele cai. Então apodera-se dele uma fadiga atroz, a fadiga de uma aspiração magnética central, de suas moléculas cindidas em dois e atraídas para sua aniquilação. Seus humores descontrolados, comprimidos, em desordem, parecem galopar através de seu corpo. Seu estômago sobressai, o interior de seu ventre parece querer sair pelo orifício dos dentes. Seu pulso, que ora diminui até tornar-se uma sombra, uma virtualidade de pulso, ora galopa, segue a efervescência de sua febre interior, o borbulhante desnorteamento de seu espírito. Este pulso que bate através de golpes precipitados como seu coração, que se torna intenso, pleno barulhento; este olho vermelho, incendiado e a seguir vítreo; esta língua que arqueja, enorme e grossa, primeiro branca e depois vermelha, a seguir preta, como se fosse de carvão e toda rachada, tudo isto anuncia uma tempestade orgânica sem precedentes. E logo os humores sulcados pela terra pelo relâmpago, como um vulcão trabalhado pelas tempestades subterrâneas, procuram a saída para o exterior. No meio das manchas, aparecem pontos mais ardentes, ao redor desses pontos a pele se ergue em pelotas como se fossem bolhas de ar sob a epiderme da lava, e essas bolhas são cercadas por círculos o último dos quais, como um anel de Saturno ao redor do astro em plena incandescência, indica o limite extremo de um bubão. O corpo fica sulcado por bubões. Mas assim como os vulcões têm seus lugares prediletos para aquecer a terra, os bubões também têm lugares especiais no corpo humano. A dois ou três dedos da virilha, sob as axilas, naqueles locais preciosos onde glândulas ativas realizam fielmente suas funções, aparecem os bubões através dos quais o organismo se livra ou de sua podridão interior ou, conforme o caso de sua vida. Uma conflagração violenta e localizada num ponto indica na maioria das vezes que a vida central nada perdeu de suas forças e que

uma diminuição do mal ou mesmo sua cura é possível. Assim como o cólera branco, a peste mais terrível é a que não divulga suas feições”<sup>1</sup>.

Explorar a peste em estilhaços é apenas um jeito específico de tocar na exterioridade do corpo, sem pretender desvendar profundidades de qualquer ordem, pois o desvendamento e a profundidade fazem parte de um discurso de vontade de verdade pautado, ora na soberania do significado, ora na soberania do significante<sup>2</sup>. Situar-se na exterioridade da peste, ou ainda, genealogicamente, na exterioridade do acidente é um arremesso da vontade envolvida com a história marcada no corpo<sup>3</sup>. Não é preciso mais do que um corpo metido no espaço para se conhecer a história, pontual, pequena, um detalhe precioso, o acaso no disparate. E conhecer deste modo é saber apenas aquilo e daquilo que o corpo experimenta. Trata-se de um conhecimento cruel, interessado em expor, expondo-se. Não há outra maneira. E esta exposição em nada se confunde com o procedimento de se deixar apanhar, de permitir a construção de uma identidade para melhor caber na ordem das coisas, possibilitando, simultaneamente, ser identificado para assemelhar-se ao inocente, otário, mártir ou herói. Não. Esta exposição específica diz respeito a algo próximo daquilo que Artaud explicita na crueza de Heliogabalo, um jovem de 14 anos, um insurreto, pois, sua insurreição ele pratica, antes de mais nada contra si próprio.

“(...) Espreme a ordem estabelecida, as idéias, as noções comuns das coisas. Pratica a anarquia minuciosa e perigosa, pois expõe-se aos olhos de todos. E isso é de um anarquista corajoso”<sup>4</sup>.

A política treme. Apavora-se diante da ameaça de ruína de seu significado e seu significante, eternamente remetidos a variações de grau entre quantidade e quali-

dade, regimes de governo, hierarquias de poder, formas de soberania, confinamentos justos e injustos, julgamentos propícios e inconvenientes. O insuportável para a política diz respeito ao espaço das intensidades. Diante delas é o abalo, o sobressalto da respiração de um corpo incidido pela peste. O descompasso sófrego de um pulsar na fissura. De um corpo que diz na superfície de sua própria fratura. O contratempo da dança na ruína da linguagem. A intensidade cruel de um corpo que dança na exterioridade de sua devastação. Uma tempestade sem precedentes.

A morte de Heliogabalo por Antonin Artaud:

“É então que a guarda em armas se volta contra Heliogabalo. Procura-o por todo o palácio. Júlia Soémia acorre. Encontra Heliogabalo. Grita-lhe que fuja. Acompanha-o na fuga. Os gritos dos perseguidores vêm de todos os lados, as suas pesadas correrias fazem estremecer as paredes, um pânico indescritível apodera-se de Heliogabalo e da sua mãe. Aonde quer que estejam vêm a morte. Fogem pelos jardins que dão para o Tibre, pela linha de sombra dos grandes pinheiros. Num recanto afastado, depois de espessas filas de buxo odorante e de carvalho verde, abrem-se ao vento as latrinas da tropa, escavadas como sulcos que arassem a terra. O Tibre está demasiado longe. Os soldados, a um passo. Doido de medo, Heliogabalo salta para as latrinas, mergulha no excremento. É o fim. A tropa, que o viu, cerca-o. E a sua própria guarda o agarra pelos cabelos. É uma cena de magarefe, uma carnificina repugnante, uma velha imagem de matadouro. Os excrementos misturam-se com o sangue no gume das espadas que devastam as carnes de Heliogabalo e da sua mãe. Depois, içam os corpos, carregam-nos à luz de archotes, arrastam-nos pela cidade diante da populacho aterrorizada, diante das fachadas das casas patrícias que abrem as janelas para aplaudir.

Uma multidão imensa marcha agora para o cais, sobre o Tibre, no rasto daquela pobre massa de carne exangue e suja. ‘Atirem-nos ao esgoto’ clama agora a populacho que aproveitou a liberalidade de Heliogabalo, que a digeriu velozmente. ‘Para o esgoto os dois cadáveres, Heliogabalo ao esgoto!’ Farta do sangue e da visão obscena dos dois corpos nus que mostram destruídos todos os seus órgãos, mesmo os mais secretos, a tropa tenta agora introduzir o corpo de Heliogabalo na primeira boca de esgoto que encontra. Mas, embora delgado, ainda é muito largo. Há que solucionar. A Elagabalus Bassianus Avitus, dito Heliogabalo, já fora acrescentado o nome de Varius, porque provindo de múltiplos sêmens nascera de uma prostituída; deram-lhe ainda o nome de Tiberiano e Arrastado, porque foi arrastado e atirado ao Tibre depois de tentarem metê-lo por uma boca de esgoto; mas a boca de esgoto não lhe deu passagem, ainda tinha as espáduas muito largas, e então decidiram limá-lo. Assim, partiram-lhe a pele, pondo à mostra o esqueleto que queriam intacto; com o que ainda poderiam ter-lhe posto nome de Limado e Polido. Mas uma vez limado, continua largo, e atiram-no ao Tibre, que o arrasta para o mar, seguido, a alguns redemoinhos de distância, pelo cadáver de Júlia Soémia. Assim acaba Heliogabalo (...) mas em rebelião declarada”<sup>5</sup>.

Interessa experimentar lidar na mistura imprevisível — pois a peste não se aparta da mistura —, num certo tipo de amálgama heterogêneo da peste devastando um corpo e dos efeitos de contenção da política sobre o corpo de Heliogabalo que ousou instaurar a anarquia, que atravessa seu corpo, no corpo da cidade. O corpo em peste e o corpo anárquico de Heliogabalo enunciam o transtorno proveniente da vida tomada em suas intensidades irreduzíveis.

E se por acaso, há uma imensidão daqueles que rogam pela segurança na política e vêem nas políticas de segurança o refúgio mediano para a salvação diante da peste, vale lembrar que não cessam de existir os intensos insubordináveis que fazem de suas vidas e seus corpos instrumentos cruéis que sabem, tal qual Artaud, que “morrer de peste não é pior do que morrer de mediocridade”<sup>6</sup>.

### **Estilhaços sobre a cidade**

Foucault, ao resenhar o livro *Diferença e repetição*, de Gilles Deleuze, enfatiza, com muito humor, como a intensidade é o insuportável para a filosofia tradicional e sublinha, de forma apaixonada, a subversão provocada por uma filosofia intensa.

A intensidade por Michel Foucault:

“Chega então o momento de errar. Não como Édipo, pobre rei sem cetro, cego interiormente iluminado; mas vagar na festa sombria da anarquia coroada. Pode-se então a partir daí pensar a diferença e a repetição. Ou seja — em vez de representá-las — fazê-las e jogar com elas. O pensamento no ápice de sua intensidade será ele próprio diferença e repetição; permitirá distinguir o que a representação buscava reunir, ele atuará a perpétua repetição da qual a metafísica obstinada buscava a origem. Não mais se perguntar: diferença entre o que e o quê? Diferença delimitando que espécies e repartindo que grande unidade inicial? Não mais se perguntar: repetição do que, de qual acontecimento ou de que modelo primário? Mas pensar a semelhança, a analogia ou a identidade como tantos meios de velar a diferença e a diferença das diferenças; pensar a repetição, sem origem do que quer que seja e sem o reaparecimento da mesma coisa. Pensar antes as intensidades (e mais cedo) do que

as qualidades e as quantidades; (...) mil pequenos sujeitos larvários, mil pequenos eus dissociados, mil passividades e pululações lá onde, ontem, reinava o sujeito soberano. Sempre se recusou, no Ocidente, a pensar a intensidade. (...) Não devemos nos enganar quanto a isso. Pensar a intensidade — suas diferenças livres e suas repetições — não é uma insignificante revolução em filosofia. (...) É recusar, enfim, a grande figura do Mesmo que, de Platão a Heidegger, não parou de aprisionar em seu círculo a metafísica ocidental. É tornar-se livre para pensar e amar o que, em nosso universo ruga desde Nietzsche; diferenças insubmissas e repetições sem origem que sacodem nosso velho vulcão extinto”<sup>7</sup>.

O que Foucault aponta como o insuportável para a filosofia tradicional é possível ser estendido para a política. No entanto, a intensidade está associada à crueldade. A peste instaurada na cidade esboroa a ordem soberana da política. Ela extrapola as fronteiras do território soberano. A peste se converte em risco incomparável pois ela é um perigo à moral. É isto que a diferencia de uma epidemia. A peste não poupa nem a política nem a moral. A peste não poupa ninguém. Nem a si própria. Ela se faz em corpos, fogo, ar, água e lugar.

A peste na cidade por Antonin Artaud:

“Uma vez estabelecida a peste em uma cidade seus quadros regulares desmoronam, não há mais lixeiros, nem exército, nem polícia, nem prefeitura; surgem fogueiras para a queima dos mortos, conforme a disponibilidade de braços. Cada família quer ter sua fogueira. A seguir, a madeira, o lugar e o fogo escasseiam, há lutas entre famílias ao redor das fogueiras, logo seguidas por uma fuga geral, pois os cadáveres já são em números excessivo. Os mortos atravancam as ruas, em pirâmides instáveis que os animais roem aos poucos. O fedor sobe

pelo ar como uma labareda. Ruas inteiras são fechadas pelo amontoamento dos mortos. Nesse ponto, as casas começam a se abrir e pelas ruas espalham-se, gritando pestilentos delirantes, com o espírito tomado por pavorosas imagens. (...) Outros empestados que, sem bubões, sem dores observam-se orgulhosamente em espelhos, e sentem-se estourando de saúde, caem mortos, as mãos na bacia, cheios de desprezo pelos outros pestilentos. Sobre os regatos sangrentos, espessos, nauseabundos, cor de angústia e de ópio que brotam dos cadáveres, passam estranhas personagens vestidas de cera, com enormes narizes, olhos de vidro e calçadas com uma espécie de sandália japonesa feita com uma dupla camada de madeira, uma horizontal na forma de sola e a outra vertical, e que as isola dos humores infectos; elas passam e psalmodiam litanias absurdas, cuja virtude não as impede de por sua vez tombarem nos braseiros. Esses médicos ignaros com isso mostram apenas o medo e a puerilidade que os acometem. Nas casas abertas, a ralé imunizada, ao que parece, por sua frenética cupidez penetra e se apodera de riquezas que, ela sabe, não lhe serão de nenhum proveito”<sup>8</sup>.

O alarido interminável e o silêncio estancado. Eis o descompasso irremediável instalado na política. A peste sacode as demarcações arbitrarias entre geografia, território e política, provocando uma mistura de contrários. Não se trata de sobrepor construções abstratas da cidade-organismo e do organismo-corpo, pois corpo e cidade são tomados no mesmo tom. E o que lhes inscreve uma forma aguda repleta de marcas definitivas faz parte de um certo tipo de furor incontrolável.

Há de se construir politicamente o medo do contágio por contato direto. O medo deve ser erigido como a face mais benevolente capaz de partilhar seu tempo indissoluto com a esperança na política apaziguadora. A

peste atingiu a política, e está a um passo de atingir a moral, sua irmã predileta. Mas é inútil. A peste não tem origem nem fim. Ela não parte de um fora, entendido sempre como o Outro, para atingir o interior na sua verdade soberana, compreendido como o Mesmo a ser preservado. A peste se insinua sub-repticiamente e demole o regime da representação. Há muito, a peste já havia corroído a moral. A peste não vem de lugar nenhum, ela já estava aqui. Habita em intensidades. A intensidade é o insuportável para a política.

### **Intensidade em cisalhas**

O teatro e seus gestos por Antonin Artaud:

“E nesse momento instala-se o teatro, isto é, a gratuidade imediata que leva a atos inúteis e sem proveito para o momento presente. Os últimos que ainda vivem se exasperam: o filho, até ali submisso e virtuoso, mata o pai; o recatado sodomiza seus próximos. O libertino torna-se puro. O avaro joga seu ouro pela janela. O guerreiro heróico incendeia a cidade que ele outrora salvou. O elegante se enfeita e vai passear nos ossários. Nem a idéia da ausência das sanções, nem a da morte próxima bastam para motivar atos tão gratuitamente absurdos por parte das pessoas que não acreditavam que a morte pudesse pôr um termo a tudo. E como explicar esse aumento da febre erótica entre pestilentos curados que, ao invés de fugir, ficam onde estão tentando conseguir uma volúpia condenável com moribundos ou mesmo mortos semi-esmagados pela montanha de cadáveres onde o acaso os alojou”<sup>9</sup>.

O teatro da crueldade é o duplo da peste. Tessitura tramada em gestos duplos. Não há direito, não há avesso. Apenas o dobrar e o esgarçar de cada gesto. O

estancamento e o agitar de contrários, que jamais vão caber na dicotomia da moral normalizadora.

São os duplos gestos da peste instalados por Artaud. O filho mata o pai; o recatado sodomiza o vizinho; o libertino torna-se puro; o avarento joga fora o ouro; o guerreiro incendeia a cidade que salvou; o elegante passeia nos ossários. Não se trata do furor assassino que se esgota, mas de uma diferença sutil, que provém do furor do ator trágico, que não cessa e atravessa o espaço incendiando-o e abrindo feridas, fazendo-se ferida e fissura. Não caber em si mesmo.

Os duplos que aponta Foucault ao afirmar a dissonância da intensidade num embate de forças incidindo na demolição da representação. Livrar-se do mensurável no jogo das igualdades, do qualitativo e o contínuo; recusar o negativo que implica rejeitar de um só golpe as filosofias da identidade e da contradição; complementos recíprocos dos metafísicos e dos dialéticos; escarnecer de uma só vez as filosofias da evidência e da consciência. Tornar-se livre. Não é fortuito que Foucault chame a filosofia intensa de *teatro atual* e ao reavivar vulcões extintos, pois eles não estavam extintos, precise este gesto como o vagar na festa sombria da anarquia coroada, fazendo uma referência explícita ao sub-título de *Heliogabalo* de Artaud.

Os duplos gestos de Heliogabalo, que imprimem o ritmo de sua crueldade e anarquia.

“Um estranho ritmo intervém na sua crueldade: este iniciado faz tudo com arte e a dobrar. Quero dizer: sobre dois planos. Todos os seus gestos têm duas caras.

Ordem, Desordem

Unidade, Anarquia

Poesia, Dissonância

Intensidades abolicionistas e a cruel exposição da peste

Ritmo, Discordância

Grandeza, Puerilidade

Generosidade, Crueldade”<sup>10</sup>

Onde se apregoa a cura sob a forma de salvação a intensidade cruel instaura o descompasso inacessível daquilo que não pode ser agarrado. Que se faz vários, fugidios. Esgarça seu próprio nome. Afronta estabilidades remetidas a diversos arranjos de centralidade de poder. Solapa o sossego da vida confortada nas migalhas de gestão da morte em nome da preservação da espécie. Crueldade generosa no espaço do excesso, da desmesura que esparrama o jamais contível. Fartura. Fratura. Fissura. Movimentos da peste duplo da crueldade, suscitados pela vida de gestos trágicos.

Não caber em si mesmo. Tornar-se livre. Arrebatamento dissonante. Voracidade de vida. Apetite. Entrelaçamento fatal de vida e morte. Fertilidade. Secreções, suores, excrementos, odor de sexo, pele, mucosa, sangue, saliva, muco da vagina, sêmen do pau, febres eróticas, lágrimas de dor e alegria, banquetes entre amigos, aromas de iguarias, risos escancarados, sem subterfúgios, sons inaudíveis, gestos largos e imperceptíveis, contundências, delicadezas, leveza, dança. O elegante se enfeita e passeia sobre os ossários.

### **O aprisionamento da intensidade, a órbita de gravidade do direito penal e sua dissolução**

A construção da prisão moderna foi a resposta disciplinar que a moral do confinamento deu para a peste.

“A peste (pelo menos aquela que permanece no estado de previsão) é a prova durante a qual se pode definir idealmente o exercício do poder disciplinar. Para fazer

funcionar segundo a pura teoria dos direitos e as leis, os juristas se punham imaginariamente no estado de natureza; para ver funcionar suas disciplinas perfeitas, os governos sonhavam com o estado de peste. No fundo dos esquemas disciplinares, a imagem da peste vale por todas as confusões e desordens; assim como a lepra, do contato a ser cortado, está no fundo do esquema de exclusão”<sup>11</sup>.

Vale lembrar, a partir de Foucault, que os efeitos morais e políticos de combate à peste resultaram em um modelo de organização médica baseada na ordem militar que estabeleceu os contornos do confinamento. Diferente do modelo anterior implementado a partir da lepra com base religiosa, delineada por mecanismos de expulsão. Este modelo oriundo da peste calca-se em uma interceptação do corpo pelo tríptico, lei, contenção da transgressão e castigo decodificado sob a forma de prevenção, cujos desdobramentos têm por meta a defesa da sociedade.

Trata-se neste caso do expurgo intra-muros, não mais como exclusão e sim como agrupamento interior, envolvendo uma análise minuciosa da cidade, caracterizada pelo registro permanente. Situa-se neste ponto preciso a emergência do conceito de segurança frente ao conceito de periculosidade. Deflagra-se o grande tribunal inventariador de desvios, tudo o que for considerado pestilento, perigoso ganha estatuto de anormal.

A dissonância polivalente introduzida por Antonin Artaud:

“Numa vida [a de Heliogabalo] cuja cronologia é impossível e onde os historiadores, que lhe assinalam toda uma série de crueldades não datadas, vêem um monstro, vejo eu, uma natureza de uma plasticidade prodigio-

sa, que sente a anarquia das coisas e se rebela contra as coisas” (Artaud, 1991: 100).

Diante da dissonância trazida por Artaud é possível apresentar outras a partir da perspectiva abolicionista penal.

Louk Hulsman destaca a atenção que o abolicionismo deve dedicar à própria linguagem, quando traça estratégias fora da lógica penal. Isto implica contestar a natureza ontológica do crime — que, segundo Hulsman, é o pressuposto básico para a legitimidade da política criminal e do sistema penal —, levando a discussão para um campo distinto, no qual importa formular respostas para o que passa a ser designado por ele de situação-problema, sendo que esta permite assumir uma postura de exterioridade que tece a perspectiva abolicionista.

A órbita de gravidade do sistema penal e sua ruptura por Louk Hulsman:

“Do mesmo modo que foi preciso vencer a força da gravidade para explorar o mundo exterior à Terra, é preciso *sair da lógica do sistema penal* para poder conceber uma sociedade em que este tenha desaparecido. Os conceitos e a linguagem do sistema penal nos retêm em seu território o que faz ser necessário um esforço mental bastante considerável para conseguir desfazer-se deste campo de gravitação. Queira-se ou não, quando se fala de ‘crime’ ou de ‘delito’ surge imediatamente uma imagem: a de um sujeito culpado. Se, pelo contrário, utiliza-se o termo ‘evento’, a expressão ‘situação problema’ ou qualquer outra de significação neutra, então se abre um espaço no qual podem coexistir interpretações diversificadas. Se substituímos os termos ‘delinqüente’ e ‘vítima’ pela expressão ‘pessoas implicadas em um problema’, evitamos que se imputem mentalmente a estas pessoas etiquetas pré-fabricadas (...) e as convertam ipso facto em adversá-

rios. Deste modo se abre um âmbito no qual se podem encontrar respostas muito distintas daquelas do modelo punitivo. Apenas quando se sai da *dialética penal* se pode romper com o ciclo ‘delinqüência-prisão-reincidência-prisão’ que se apresenta como invencível na lógica penal”<sup>12</sup>.

Este detalhe sutil que Hulsman aponta e problematiza em torno da linguagem se mostra como um elemento de intensa potência no abolicionismo, pois possibilita o investimento em um combate que estabelece ressonâncias com a prática genealógica de estancamento das palavras como exercício de mapeamento de uma determinada lógica e sua conseqüente demolição, se a escolha for realmente tráfegar a partir de outros referenciais distintos daqueles arrumados e dispostos na sintaxe da sujeição.

A armadilha da gravidade do sistema penal por Louk Hulsman:

“Sem dúvida isto se explica pela própria gênese do sistema penal, que foi idealizado em uma época de transição entre a sociedade religiosa e a sociedade civil e que segue sendo devedor do modelo escolástico, por isso mesmo aparece também impregnado da cosmologia medieval. Uma verdade definida de uma vez por todas e imposta verticalmente, juízes encarregados de distribuir uma justiça tão absoluta quanto serena, um determinado sofrimento imposto como réplica aos atos considerados maus que há de ‘purificar’, uma filosofia maniqueísta que divide os homens entre bons e maus, em inocentes e culpados, tal como tem sido sempre e é, todavia hoje a lógica do sistema penal vigente em nossas sociedades, que não é senão a lógica do Juízo Final na qual o Deus onipotente, onisciente e justiceiro dos escolásticos foi substituído pelo Código Penal e o tribunal de cassação”<sup>13</sup>.

Intensidades abolicionistas e a cruel exposição da peste

A proposta de Hulsman não é um mero jogo de retórica. Evidencia a trama da sintaxe que faz parte da grande armadilha tecida pelo discurso da reforma, que ao transitar perpetuamente no interior da lógica do sistema penal, perpetua-se através do eterno rearranjo de seus elementos, cultivando a infindável troca de sinais entre a providência divina e a providência da razão.

### **Resposta-percurso, a crueldade abolicionista, o abolicionismo também é a peste**

A armadilha da gravidade da justiça e a crueldade abolicionista por Edson Passetti:

“O homem é finito e inexistente a grandeza na suposta infinitude iluminista. Ele ficou refém da administração, o procedimento que tomou o lugar de deus, de um deus que ao ser morto foi transformado em um fato religioso. As respostas trazidas pela filosofia e pela ciência foram novas, mas as perguntas permaneceram teológicas. Agora quem ordena a ordem é um procedimento sigiloso, burocrático e jesuítico. Deus teve de ceder lugar à onipotência da ciência. Trocamos de providencialismo e foram instituídos dois universais rivalizando para ser a única centralidade dos seres vivos, quando são o duplo da mesma unidade. A ciência e a religião responderam que somos iguais na cova, aumentando os vermes dos cemitérios, e nos fazem crer iguais no paraíso celestial ou na utopia terrena. Querem nos legar um lugar seguro, unificando procedimentos (...) O abolicionismo é uma unidade da série liberdade que não encontra o absoluto, mas se dirige ao infinito com conciliações. Ele não pode ser encontrado em todos os lugares, nem provém de todos os lugares; ele promove acontecimentos”<sup>14</sup>.

Acontecimentos cruéis. A peste-acontecimento. Não há modelos, anteparos, tribunais, redes de segurança.

As intensidades abolicionistas desafinam, reverberam tons cruéis.

Resposta-percurso em Heliogabalo por Antonin Artaud:

“E a anarquia levada ao ponto em que Heliogabalo a leva, é poesia realizada. (...) A poesia é multiplicidade triturada e incendiada. E a poesia que estabelece a ordem, suscita primeiro a desordem, a desordem dos aspectos incendiados; provoca o choque dos aspectos que leva a um ponto único: fogo, gesto, sangue, grito. Trazer a poesia e a ordem a um mundo cuja simples existência já é um desafio à ordem, é levar à guerra e à permanência da guerra, é fundar um estado de crueldade incidida, é suscitar uma anarquia sem nome, a anarquia das coisas e dos aspectos que acordam antes de soçobram de novo e se fundirem na unidade. mas aquele que acorda esta anarquia perigosa é sempre sua primeira vítima”<sup>15</sup>.

O abolicionismo exige estar disponível para ele. Ele provém de cada pessoa. Incide, antes de mais nada, no si que não cabe em si. Diferente da posição do devoto que se coloca à disposição de uma receita, de um código, de uma bula, seja ela qual for, para virar o Outro ou o Mesmo. A resposta-percurso abolicionista se tece em sua própria superfície. Não há começo, meio e fim.

A noção de resposta-percurso é deliberadamente inacabada em duas dimensões, já que por um lado não é começo nem fim, mas um instrumento capaz de construir outras respostas, e por outro lado não traz em si uma saída definitiva passível de ser universalizada como modelo exemplar. A resposta-percurso propicia a demolição da órbita da gravidade da prática de modelo de diversas ordens. Não interessa mais escutar, escutar e repetir. Interessam gritos precisos lá onde eles vibram, gritos imprecisos em silêncios inundantes, cores e movimentos.

Intensidades abolicionistas e a cruel exposição da peste

Para o abolicionismo os sins neste tipo de resposta compõem com experiências libertárias que arruinam teorias e centralidades e, ao passar ao largo do ideal de felicidade, proporcionam experiências estéticas capazes de valorizar vidas e obras, não no que lhes falta, mas no que lhes excede e escapa.

Interessa afirmar o fim do encarceramento de jovens no Brasil. Para um abolicionista cruel, intenso e em peste este é um incômodo inominável.

Só interessa viver o que precisa ser vivido. Não há nada para ser salvo. O elegante se enfeita e passeia sobre os ossários.

No mais, só há o vazio. O cu do vazio ecoando os gestos de Heliogabalo, este jovem anarquista que acorda a ferida e a faz fissura, interessado em ouvir e dizer: *Contemporizar, submeter-se é consagrar a derrota sem defender a vida.*

## Notas

<sup>1</sup> A. Artaud. *O teatro e seu duplo*. São Paulo, Max Limonad, 1984, pp. 30-31.

<sup>2</sup> A este respeito ver M. Foucault. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

<sup>3</sup> Esta concepção de história é tratada com vigor por M. Foucault em “Nietzsche, a genealogia e a história” in *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

<sup>4</sup> A. Artaud. *Heliogabalo, ou o anarquista coroado*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, p. 97.

<sup>5</sup> Idem, pp.129-131.

<sup>6</sup> A. Artaud. *Eu, Antonin Artaud*. Lisboa, Hiena, 1988.

<sup>7</sup> M. Foucault. “Ariadne enforcou-se” in *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamentos*, Col. Ditos e escritos. vol. II. Rio de Janeiro, Forense, 2000, pp. 143-144.

<sup>8</sup> A. Artaud. op.cit, 1984, pp. 34-35.

<sup>9</sup> Idem, pp. 35-36.

<sup>10</sup> Op. cit., 1991, pp.121-122.

<sup>11</sup> M. Foucault. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 176.

<sup>12</sup> L. Hulsman & J.B. de Celis “Argumentos para uma sociedade sin penas” in C. Ferrer (org.) *El lenguaje libertário*. Montevideo, Nordan Comunidad, 1993, pp. 189-190, grifos do autor.

<sup>13</sup> Idem, p. 187.

<sup>14</sup> E. Passetti. “Kafka e a sociedade punitiva” in E. Passetti et al. (orgs.) *Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva*. São Paulo, IBCCrim, PEPG-Ciências Sociais PUC-SP, 1997, pp. 177-185.

<sup>15</sup> A. Artaud, op. cit., 1991, p. 100.

## RESUMO

*A crueldade artaudiana interessa ao abolicionismo penal, cuja uma das exigências é estar atento à linguagem e seus gestos. As atitudes abolicionistas são heterogêneas e promovem misturas; tal qual a peste, suas diferentes intensidades arruinam a ordem da política e da moral.*

*Palavras-chave: abolicionismo penal, crueldade, peste.*

## ABSTRACT

*The Artaudian cruelty is subject of interest to penal abolitionism, which one of its demands is to be alert to language and its gestures. Abolitionist attitudes are heterogeneous and promote mixtures; alike the pest, its diverse intensities destroy the order of politics and moral.*

*Keywords: penal abolitionism, cruelty, pest.*